

REFLEXÃO SOBRE O INFERNO

Há muitas interpretações sobre o inferno. Alguns dizem que não acreditam na existência do inferno que a vida começa aqui e termina aqui, não existe uma outra vida, uma vida além da morte. Se tudo começa e acaba aqui, a vida precisa ser curtida. Julgam, por conseguinte, que podem negligenciar os seus deveres terrestres, sem perceberem que estão igualmente obrigados em virtude da sua própria consciência.

Afastam-se da verdade, porque *«não temos aqui uma cidade permanente, mas buscamos a futura»* (Hb 13,14). Para eles com a morte acaba tudo; a morte não é uma passagem para a vida eterna, para uma purificação, ou para uma condenação eterna, pois tudo se resolve neste mundo. Como diz São Paulo: *«muitas vezes os homens, enganados pelo Maligno, se desvaneceram em seus pensamentos e mudaram a verdade de Deus em mentira, servindo à criatura mais que ao Criador»* (cf. Rm 1,21.25), ou, vivendo e morrendo sem Deus neste mundo, sem saber que se expõem à condenação eterna.

Estes não acreditam na existência do demônio, adversário de Deus. Deste modo, nascem, vivem e morrem e, com a morte tudo acaba. Alguns dizem que uma vez mortos e enterrados *«a terra come!»* É uma visão materialista que nega uma verdade fundamental da nossa fé: que viemos de Deus e para Ele caminhamos. Para eles tudo se resolve nesta terra, sem

um julgamento final:

«Pedro disse-lhe: «Nós deixámos tudo para te seguir. Qual será a nossa recompensa?» Jesus respondeu-lhes: «Em verdade vos digo: No dia da regeneração de todas as coisas, quando o Filho do Homem se sentar no seu trono de glória, vós, que me seguistes, haveis de sentar-vos em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna. Muitos dos primeiros serão os últimos, e muitos dos últimos serão os primeiros». (Mt 19,27-30).

Existem também os que acreditam no inferno, mas para estes o inferno não é um lugar de tormento, pois até mesmo fazem um "pacto com o diabo". Com isto permitem que o demônio entre, neles para fazer o mal, como aconteceu a Judas: *«entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze»* (Lc 22,3). Assim sendo, eles se tornam aliados do mal: *«e, estando ele ainda a falar, surgiu uma multidão; e um dos doze, que se chamava Judas, ia adiante dela, e chegou-se a Jesus para o beijar»* (Lc 22,47).

Podemos, assim, ser neste mundo um instrumento nas mãos de Deus para fazer o Bem e antecipar o céu aqui na terra, como, também, sermos um instrumento nas mãos do demônio para fazer o mal e antecipar o inferno em nossas vidas e nas vidas dos outros.

Para outros, o inferno existe e é um lugar de tormento eterno. O ser humano está exposto a sofrimento inconcebível para sempre. Não é Deus que condena para o inferno, é o ser humano que recusa o bem e faz o mal. Para o inferno irão todos aqueles que não fazem o Bem.

Para nós, cristãos, a vida começa aqui, mas não termina aqui, continua além da morte, na eternidade. Os primeiros amigos e companheiros de Jesus acreditavam que Jesus tinha morrido numa cruz, mas foi ressuscitado por Deus para uma vida após a morte. A entrada na vida eterna pode consistir na felicidade eterna do Céu, num tempo de purificação no Purgatório ou na condenação eterna do Inferno. Contudo, o Céu, o Inferno, o Purgatório e Juízo não são realidades que irão começar a partir da morte, podem ser vividas e experimentadas, embora de forma incompleta, nesta terra. Começam a existir aqui na terra, vão crescendo. até que na morte se dá um desabrochar pleno: ou para a frustração eterna, ou para a plena realização. Jesus Cristo deu a vida por nós, não para brincar connosco, mas para nos assegurar que um dia Ele retornará para separar os bons dos maus (Mt 25,31-46).

Assim como existem o purgatório e o céu, também existe o inferno, que é uma realidade que faz parte da escatologia cristã. E assim como o Bem e Deus existem, existe também o Mal, o adversário de Deus, ou seja, o demónio. Deste modo, o inferno é um lugar de sofrimento.

Mas é possível sair deste estado de vida depois da morte ou somente enquanto vivemos neste mundo?

Na verdade, o inferno é uma realidade que começa neste mundo e continua depois, na eternidade. Cada ser humano tem o poder de criar o seu próprio inferno. Como? Através do livre arbítrio, ao longo da vida terrena e por meio das escolhas ou omissões conscientes de cada dia. O inferno não acontece apenas depois da morte, quando tudo já está decidido e os jogos feitos. Nem decorre, tampouco, de um

ato isolado no desenrolar de uma vida. Trata-se de um processo que tem a sua dinâmica, como uma espiral que se dirige, de forma crescente e cada vez mais veloz, para uma destruição, progressiva, radical e sem remédio. Assim como ressuscitamos para uma vida eterna, podemos ressuscitar para uma morte eterna.

Portanto, o Inferno, já começa neste mundo, durante a vida terrena. Consiste na exclusão da felicidade do Reino dos Céus. Mas isto acontece gradualmente: o ímpio onde quer que se encontre, encontrará o inferno sempre consigo. Será sempre repellido pela sociedade ou pela família ou será ele próprio que se exclui de uma vida social ou familiar, onde todos compartilham da mesma alegria e harmonia.

Durante a vida terrena está aberta a possibilidade de sair deste inferno, mas se tornará impossível depois da morte. Na parábola do rico e Lázaro se trata de sofrimento eterno:

«Além disso, entre nós e vós há um grande abismo, de modo que, se alguém pretendesse passar daqui para junto de vós, não poderia fazê-lo, nem tão-pouco vir daí para junto de nós. O rico insistiu: ‘Peço-te, pai Abraão, que envies Lázaro à casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos; que os previna, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.’ Disse-lhe Abraão: ‘Têm Moisés e os Profetas; que os oiçam!’ Replicou-lhe ele: ‘Não, pai Abraão; se algum dos mortos for ter com eles, hão-de arrepender-se.’ Abraão respondeu-lhe: ‘Se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tão-pouco se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dentre os mortos’» (Lc 16,26-31).

Portanto, o tempo de conversão é aqui e agora. Depois já não será possível. Contudo, ao longo da vida terrena é sempre possível converter-se, orientar a vida para Deus e alcançar a salvação eterna. Deus não quer a morte do pecador, mas que

se converta e viva.

O ser humano, pelo dom da liberdade, pode optar pela sua condenação eterna, mas isto não diminui o amor de Deus: o fato de alguém livre e conscientemente não querer ser salvo não diminui absolutamente a discrepância existente entre um Deus que ama e o fato de que este Deus que ama deixar que sua criatura permaneça em tormento extremo como o do inferno. Não é Deus que quer a condenação do ser humano; é o homem que continua a ser livre para dizer sim ou não, aceitar ou rejeitar para sempre o amor de Deus. O Criador respeita sempre a livre opção da criatura, por isso, a escolha do inferno é um ato voluntário do homem, que livremente diz “não” a Deus.

Entretanto, enquanto vivemos neste mundo, podemos sair do inferno e passar a experimentar o purgatório ou o céu: «Abraão lhe disse: se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite» (Lc 16,31).

Mas qual é a condição de vida na qual nos encontramos no inferno desde já? É quando deixamos de viver em comunhão conosco mesmos, com Deus, com as outras pessoas e com toda a Criação. O inferno, no fundo, é o estado de vida em deixamos de amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos (Lc 10,27). E quando nos fechamos ao amor de Deus e não reconhecemos a sua ação salvífica. No purgatório, o homem encontra a possibilidade de mudar as características de sua personalidade que não correspondem aos critérios de Deus. Em vez disso, pode fechar-se em si mesmo e recusar o perdão ao próximo: este fechamento sobre si mesmo e a exclusão dos outros podem

dar a experiência do inferno. É aqui e agora que o homem mau e o egoísta vão criando para si aquela situação de morte que recebe um caráter definitivo e pleno no inferno.

E não é Deus que nos conduz ao inferno, é o homem que vai entrando nele e não se propões a sair. O inferno faz-se presente quando, por exemplo, uma família é completamente destruída por causa da falta de amor. O mesmo acontece quando os seus membros não conhecem entre si senão discussões, o que faz surgir a falta de diálogo, de misericórdia e de justiça. Numa situação assim, se faz presente a livre opção pelo sofrimento eterno desde já.

A saída desse modo de ser é possível por meio da conversão. Saída que nos foi conquistada pelo próprio Jesus Cristo após a sua morte. A salvação é oferecida a todos; Jesus, com sua descida até os mortos, na sua vivência da morte, alcança não somente os justos, aqueles que aceitarão o oferecimento da salvação, mas suporta também a pena dos ímpios na perda de qualquer luz da fé, da esperança e do amor. Isso para que ele possa atingir também aqueles mesmos que o rejeitarão. Ele percorre, portanto, todas as dimensões do inferno para que todo homem, no seu distanciamento de Deus, tenha a possibilidade de se reencontrar com Cristo. O termo conversão, em grego “metanóia”, quer dizer mudança de caminho, de mentalidade.

Deste modo, a decisão de sair do inferno pertence a nós. E se insistimos em continuar vivendo nele, então continuaremos nele eternamente. É o que acontece com o homem que recusa a vida nova que Deus lhe quer dar. É o homem que não a quer! Pode ser que ele permaneça nessa situação de morte, condenando-se para sempre.

Mas se para sair do inferno desde já é necessária a conversão, o que devemos fazer? Somos chamados a reconhecer as nossas faltas através do Sacramento da Reconciliação. Se nos arrependemos, o perdão de Deus nos é dado por meio do Sacerdote. Mas também somos chamados a reconhecer nossos erros diretamente a Deus através de um exame diário de consciência. O mesmo acontece durante o Ato Penitencial no início da Missa, onde nos arrependemos e recebemos o perdão comunitariamente.

Mas isso não é tudo! Até é fácil demais nos reconciliarmos assim. A questão crucial é que somos convocados a nos perdoar mutuamente, caso contrário Deus não terá como nos perdoar: *«se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai não vos perdoará as vossas ofensas»* (Mt 6,15). Quer dizer que o perdão dado ao próximo é fundamental para que possamos receber o perdão de Deus.

Então, numa família ou mesmo no nosso dia-a-dia, como devemos perdoar? Por meio de palavras onde dizemos, por exemplo: "eu te perdoo!". O esposo pode cumprimentar a sua esposa, dizendo-lhe: "bom-dia!". A esposa pode restabelecer de novo a comunhão perdida ao dizer: "muito obrigada!" Ou mesmo: "como você está?" Ele pode até mesmo dizer: "desculpe, eu estava nervoso!" Ou ainda: "desculpe se fiz alguma coisa que te feriu!"

Existe muitas formas para restabelecer a comunhão e o diálogo. Está comprovado cientificamente que o fechamento do homem em si mesmo o prejudica e, não deixa de prejudicar os outros que estão ao seu lado. E isso pode gerar também problemas de saúde. O ódio que uma pessoa vai

acumulando no seu coração pode gerar doenças. O coração pode ir se fechando até conhecer o infarto. Uma úlcera pode ir se formando por causa da indisposição do esposo em perdoar a sua outra metade. Uma gastrite pode aparecer por causa da indisposição da esposa em ceder um pouco. Problemas psicológicos podem surgir se um não souber renunciar um pouco ao seu orgulho. O fechamento em si mesmo ou a indisposição em perdoar podem levar à loucura.

O perdão também deve ser dado por meio de obras. Perdoar não apenas por meio de palavras, mas também por meio de obras, quer dizer não desejar o mal ao próximo. O primeiro mandamento fala de amar a Deus acima de tudo, mas os outros mandamentos se referem ao próximo. Estes estão ligados de maneira indissociável com os primeiros. Não se pode separar o amor de Deus do amor dos homens. Quem diz que ama a Deus que não vê, também é chamado a amar o seu próximo.

E quem é o próximo mais próximo de nós mesmos senão aquele que convive conosco e que podemos ter como inimigo? Assim, nos perdoamos mutuamente ao rezarmos pelos nossos adversários. Na oração podemos dizer do interior do nosso coração: «que Deus nos abençoe e nos proteja!» Somos chamados a clamar a Deus no momento de ira contra nosso semelhante, dizendo: «ajuda-me a aceitá-lo do jeito que ele é!» Ou ainda: «ajuda-me a amá-lo de todo o coração!» Uma outra forma de oração seria: «ajuda-me a gostar do que faço, da minha vocação!» Isto porque, o que reza, não visa a satisfação de seus interesses mesquinhos e particulares. Muitos dizem que fazem muita oração e que apresentam a Deus uma lista interminável de pedidos na

linha da saúde, do sucesso nos estudos, na resolução de problemas.

Mas podemos também aproveitar os momentos de ódio e de rancor para rezar por nós mesmos e pelos outros. Em vez de nos autodestruirmos por dentro, somos convocados a aproveitar a situação de inferno ou, se quisermos, de ódio, para combater o Mal com o Bem. Se nosso semelhante merecer a oração, a nossa oração irá beneficiá-lo. Se não, a mesma voltará para nós. Caso contrário, se amaldiçoarmos, a maldição poderá prejudicá-lo e voltar-se também contra nós mesmos. E por isso que São Paulo diz: «*abençoei aos que vos perseguem, abençoei, e não amaldiçoeis*» (Rm 12,14). Jesus também dá um conselho semelhante para nos ajudar a perdoar: «*bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam*» (Lc 6,28).

É perdoadando que podemos receber o perdão de Deus. E assim que rezamos no Pai-Nosso: «perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido» (Mt 6,12).

Se quisermos o perdão de Deus, devemos também perdoar o nosso próximo. Numa família, por exemplo, além do casal, o próximo mais próximo um do outro são os filhos, bem como os outros membros dela. Fazer a experiência do perdão quer dizer para o casal a antecipação do céu aqui na terra. Os dois reencontram o paraíso perdido. Fazem de novo a experiência da verdadeira comunhão originária. Mas, atenção! A comunhão não será jamais perfeita, pronta e acabada. O casal poderá voltar a viver uma situação de purgatório, causada pelos tormentos da diferença entres os dois. Então, é necessário novamente que um ceda diante do

outro. É necessário que um ponha de lado o seu orgulho para e peça humildemente o perdão. Nosso Senhor na cruz ensinou-nos a viver assim, sendo que, depois de todo o Bem que Ele fez, recebeu em troca a traição, a renegação, a humilhação e os ultrajes. Foi coroado de espinhos e crucificado, mas no alto da cruz, na hora suprema da sua agonia e dor, a sua vingança foi o perdão: *«e dizia Jesus: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes»* (Lc 23,34).

Deste modo, o momento de mudar de vida é agora. Depois não há mais tempo nem possibilidade (cf. Lc 16,26). E por isso que o ser humano não poderá sair da situação de inferno sem Deus. Sem a sua ajuda, esse ser interior também não pode sair de sua situação estática de morte, onde nada mais poderá ser mudado.

Sempre que ouvimos a palavra inferno imaginamos logo um lugar de sofrimento. A tribulação faz-se presente. Pensamos em fogo, em demônios que nos perseguem, sentimos desespero. A insegurança torna-se parte de nossa vida. Todos os planos e esperanças desaparecem: *«e, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama»* (Lc 16,24).

Tudo isso não acontece por acaso. No fundo, não temos outra coisa senão o resultado do nosso próprio fechamento. Por isso, temos medo do inferno. Talvez até mesmo traumas.

Sendo assim, preferimos fugir. Fugir de nós mesmos, dos outros, das responsabilidades da vida. Nisto, até refletir sobre o inferno nos causa repugnância. Podemos até mesmo

«deixar essa questão para lá». Prorrogar tudo para o futuro. O que demonstra acreditarmos que o inferno é um estado de vida que se fará presente somente após a morte. Isso quando acreditamos nessa possibilidade. Porém, ao agirmos assim, vez ou outra percebemos que o inferno já está a fazer parte de nossa vida. A questão é saber se estamos verdadeiramente dispostos para sair dele a partir do convite de Jesus Cristo que nos chama à conversão.

Não está errado ter essa visão do inferno. Porém, o que se constituirá numa realidade após a morte tem um princípio. O inferno, assim como o céu, também começam aqui!

Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1033-1037

Cf. Eurides Divino Vaz, *Uma reflexão sobre Céu, Inferno e Purgatório*, Ed. Vozes, pp. 45-57